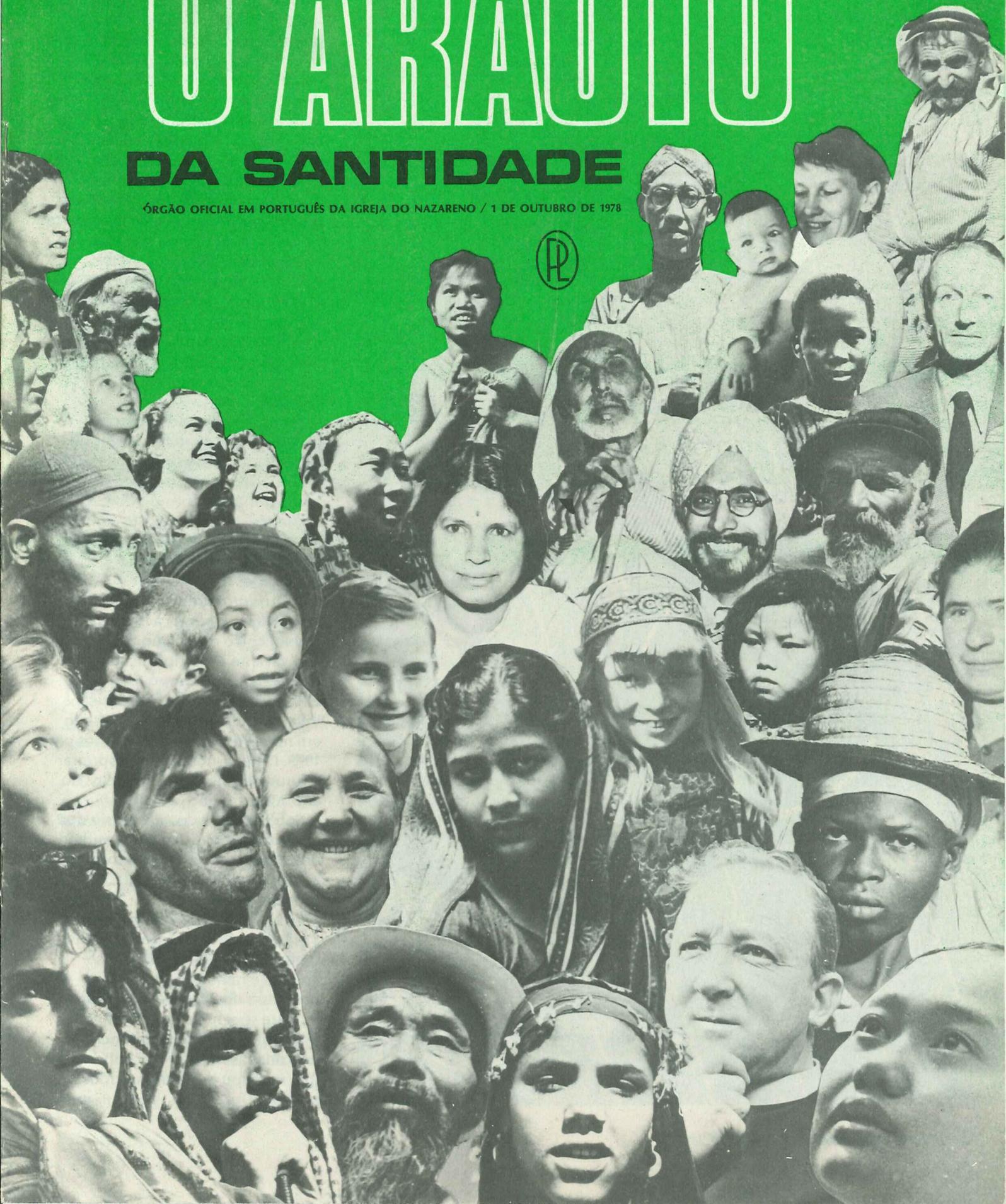


O ARAUTO

DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 1 DE OUTUBRO DE 1978





**rótulo
questionável**

Foi há dias, na faculdade de Asbury, em Kentucky. Perguntou-me um dos professores se me ofenderia ser apresentado à audiência como um *produto* de missões. Percebi a intensão e garanti-lhe que seria até uma honra.

Tive ensejo, durante a semana de conferências, de compartilhar com os estudantes o meu encontro com o evangelho, graças à fidelidade dum casal missionário. A Boa Nova penetrara o lar de que eu fazia parte e dera rumo e feições novas às vidas de seus membros. Neste sentido, éramos *produto* de missões.

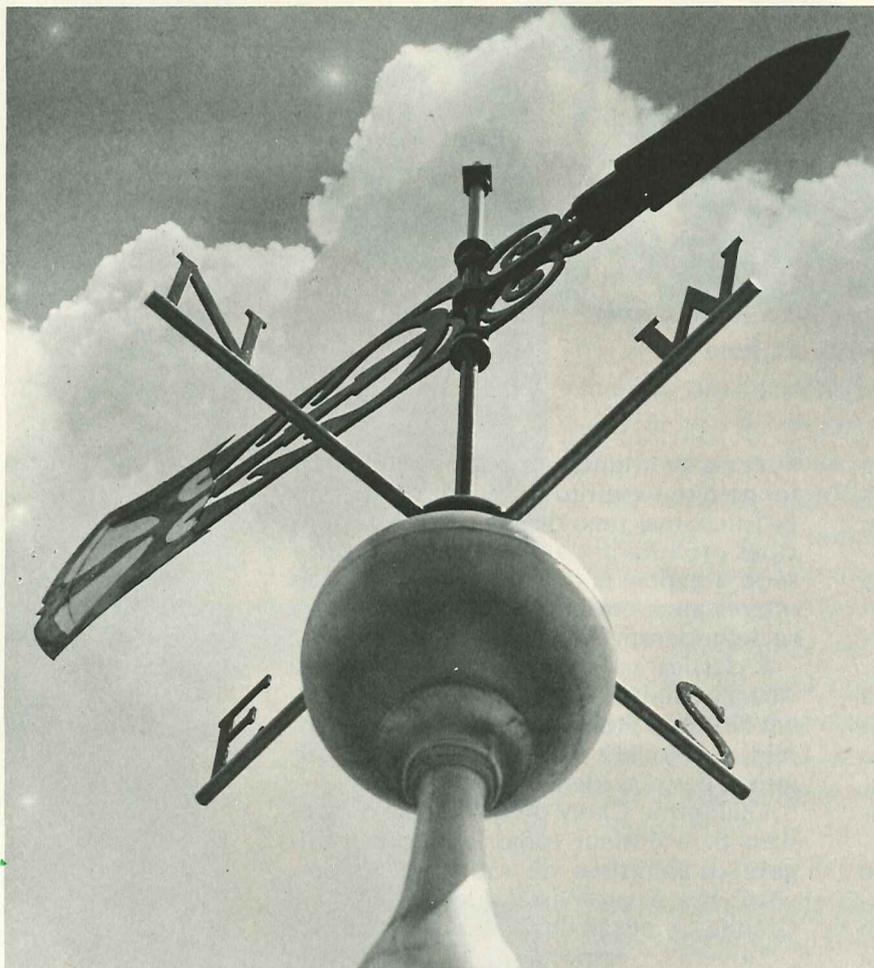
O rótulo é, pois, verdadeiro e honroso. Acho-lhe, entretanto, uma insuficiência: pode eternizar uma condição que muito pouco vale quando privada do seu complemento.

O conceito ligado ao termo *produto* sugere um fim alcançado, o resultado dum esforço feito. Cabe, então, aos *produtores* (neste caso, os missionários) fotografá-lo, catalogá-lo e apresentá-lo a um público estrangeiro razoavelmente interessado em "aventuras e realizações missionárias".

O *produto* traduz o orgulho de uma marca. Estampa a filosofia e o nível técnico de um momento, mas não garante a multiplicação da espécie. Com o tempo, é ultrapassado e exige substituição. Vivemos num mundo interessado em modelos recentes, produtos para 1979. Deleita-nos sempre espreitar o futuro e fantasiar os modelos do ano 2 000.

Sob a ameaça do calendário dos homens e de Deus, nós, o resultado do esforço missionário, temos de assumir a identidade total: *produto* e *produtor*.

Se a alguns basta chamar-nos "fruto", para Jesus a designação é metonímica. Ele chamou-nos árvores e ramos de árvores: promessa de pão vivo para esta hora em que se sente o flagelo da fome espiritual e suas conseqüências, em todas as nações—incluindo a que mandou os meus queridos missionários. □ —Jorge de Barros



o poder do pentecostes

—Orville Jenkins
Superintendente Geral

Exactamente antes da Sua ascensão, Jesus prometeu aos discípulos: "Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o

Espírito Santo" (Actos 1:8). O dia de Pentecostes confirmou o cumprimento desta grande promessa.

Pense no tremendo poder do Espírito Santo, que radical e gloriosamente modificou as vidas dos primeiros cristãos. Eram um simples punhado, mas saíram do cenáculo para comunicar que Jesus vivia nos seus corações. Tinham encontrado um novo

poder com o qual transformaram o mundo.

Esse poder tornou-os capazes de vencer os assaltos do mundo, da carne e do diabo. O mundo do paganismo era uma arena terrível para a alma cristã. Antes da vinda do Espírito Santo no Pentecostes, a luta era desanimadora. Depois da Sua vinda, eles venceram. Conquistaram o mundo pagão.

A dádiva de poder também os capacitou—a viver uma vida cristã vitoriosa. No Pentecostes o batismo com o Espírito Santo produziu limpeza e purificação dos seus corações. Deste modo, com o poder dessa purificação viveram santamente num mundo pecador.

Outro resultado desse poder residiu na capacidade de influenciar novas vidas para a salvação. Falavam corajosa e francamente, testificando de Cristo e ganhando outros por meio do seu testemunho, para O seguirem. Três mil foram convertidos a Cristo.

São, actualmente, dois os testes de estar cheio do Espírito Santo—exactamente os mesmos que no Pentecostes. Quais são eles? Primeiro, purificação de todo o pecado—poder para viver pura e santamente num mundo pecador. Segundo, poder para testificar e ganhar outros para Cristo. Está você cheio do Espírito Santo? Se assim é, terá purificação interior de toda a corrupção moral e poder para testificar de Cristo. □

O ARAUTO DA SANTIDADE

H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
M. ODETTE PINHEIRO, Redactora
DANIEL D. GOMES, Ilustrador e Revisor
ROLAND MILLER, Artista
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

Volume VII 1 de Outubro de 1978 Número 19

O ARAUTO DA SANTIDADE é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações—Português—da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.0. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: \$2.00 a year in advance; single copy, 10 cents. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

as missões não são um passatempo



A revolução dos nossos dias despedaça o coração da humanidade. Referimo-nos à revolução social, educativa, política e cultural.

Contam-se aos milhões os que saindo do lodaçal da superstição, ignorância, temor e opressão, firmam os pés na verdade recentemente adquirida e gritam: "Nós também somos irmãos". Na arena do mundo as almas destes novos cidadãos pendem da balança entre o comunismo e a democracia, o capitalismo e o socialismo, a tradição e os novos grupos religiosos.

Que lugar corresponde à igreja entre tudo isto? Alguns, decepcionados, concluem que nada há a fazer, tudo está perdido. Mas a história nos mostra que a verdadeira Igreja nunca participou em tal atitude. Durante mais de 150 anos o trabalho missionário tem avançado pelo mundo e, embora os sulcos sejam pouco profundos, a terra está arada.

Guilherme Carey deixou a sua oficina para se ir estabelecer na colônia de Serampore, perto de Calcutá. A partir daí o movimento missionário adquiriu maior pujança e, onde havia antropófagos e curandeiros supersticiosos, passou a haver igrejas dirigidas por nacionais que nada poupam ao serviço de Deus e à salvação do próximo. Os hospitais, as enfermeiras e os médicos nos campos missionários são testemunhos fidedignos do que a igreja pensa da sua tarefa evangelística.

Outros dizem com indiferença: "Esse é assunto de mulheres, de ministros ou de alguns fanáticos". Não, senhores. O assunto das missões e o evangelismo não são brincadeira. Essa ideia pressupõe que o evangelismo é uma tarefa especializada, portanto que a cumpra o Departamento de Evangelismo. Em certo sentido foi esta a falha da Reforma de Lutero. O seu propósito consistiu em consolidar as igrejas, em vez de as preparar para a acção. Embora sendo verdade que a sua in-

fluência se estendeu a outros países, não foi pelo seu espírito missionário ou evangelístico, mas pelo desejo de que os príncipes protestantes alargassem o seu território a expensas de Roma. Estavam mais interessados em construir muralhas para se defenderem da Contra-Reforma.

É clássica a resposta do presidente da Aliança Ministerial no fim do século XVII, em Northampton, quando foi pedido aos ministros jovens que desenvolvessem algumas das suas ideias.

Guilherme Carey perguntou se o mandato para ensinar todas as nações obrigava os ministros de todos os tempos, visto que a promessa que se seguiu à Grande Comissão também era ampla.

"Jovem", respondeu o presidente, "você é um entusiasta miserável ao fazer essa pergunta. Claro que nada se pode fazer sem haver outro Pentecostes com mais milagres e até dom de línguas, que, no primeiro caso, deram força à comissão de Jesus".

No fundo desta declaração há uma forma extrema de calvinismo com a doutrina da dupla predestinação. Quer dizer que a eleição opera de duas formas. Alguns estão destinados à vida eterna, os outros à condenação. E tocou aos pobres pagãos de outras terras serem os destinados à condenação eterna. De outro modo, por que não se converteram antes de nós? Que erro! Já pensámos qual seria a nossa opinião se fôssemos nós os pagãos?

A nossa obrigação como igreja é fazer que Deus, tal como foi revelado na pessoa de Jesus Cristo e faz parte da experiência humana pelo Espírito Santo, seja conhecido e servido por toda a humanidade. Esta é a nossa norma de trabalho. É a nossa missão de vida ou morte. Não pode haver participação em Cristo, se não há participação na tarefa de Cristo.

Tudo o mais é puro jogo, passatempo, pesadelo. □

—H. T. Reza

noites eram especiais para todos, por causa do nosso culto doméstico, e ainda que me parecesse, então, demorado, posso agora compreender porque os vossos corações oprimidos precisavam de alívio aos pés de Jesus.

Mãe, lembra-te quando eu te puxei pela saia durante um culto especial e te perguntei se podia ir orar; e tu me conduziste, docemente, pela mão até ao altar? Senti-me orgulhosa por o pai ter ido orar primeiro comigo e, depois, com os outros.

À medida que cresci, vestindo roupas usadas, não tendo dinheiro suficiente para comprar livros no princípio do ano escolar, observando quando enterraram o meu irmãozinho e como ficaram tristes, e com a responsabilidade de ser sempre um exemplo para os outros jovens da igreja, eu não podia compreender como todas essas coisas seriam boas para mim no futuro.

Mais tarde, recordam-se daquela manhã em que deixei o lar para voar pelas minhas próprias asas, com a garantia de que o vosso lar seria sempre o meu? Embora naquele tempo eu não tivesse Jesus no coração, sabia que sempre orariam por mim. Devido à vossa direcção, durante 20 anos da minha vida, procurei ajuda espiritual. Nunca esquecerei aquela noite gloriosa de Domingo de Páscoa, quando ajoelhei na cadeira da cozinha e pedi perdão a Deus. Lembra-se de vos ter telefonado a dar a boa notícia? Embora estivéssemos a 800 quilómetros de distância, eu podia "ver" o vosso sorriso, ao dizerem entre lágrimas que nunca tinham deixado de orar por mim.

Deus dirigiu a minha vida ao casar com um homem crente com uma chamada para o ministério; e ajudou-me a ser uma esposa de pastor como tu, mãe. Recordo a exclamação de júbilo que saiu dos vossos lábios quando souberam que Deus nos chamava para o campo missionário. Sabia que no vosso íntimo havia certa tristeza ao pensarem no que isso podia significar—anos de separação de nós e, mais tarde, dos vossos netos.

Mas agora estamos no campo missionário e reconhecemos que somos mais felizes que nunca. Cremos que estamos no centro da vontade de Deus e sei que isso também vos faz felizes.

Devido a nunca terem desistido em relação a mim, em oração e amor, e por causa da herança cristã que me legaram, quero dizer-vos: "Muito obrigada, meus pais.

Que Deus abençoe, ricamente, as vossas vidas.
Vossa filha,

□ —Anónimo

Queridos Pais

Quero aproveitar esta oportunidade para vos dizer quanto aprecio a minha herança cristã.

Lembro-me muito bem da nossa primeira Igreja do Nazareno rural, onde vocês serviam como pastores e cuidavam do povo dessa pequena comunidade. As



“todas as nações”

—Paul Hetrick

Jesus disse: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações” (Mateus 28:19). A imaginação de muitas pessoas tem-se excitado com a ideia de “ganhar uma nação” para Cristo. Mas encaremos o assunto. Restam poucos campos missionários virgens—e nenhum em que se possa entrar livremente.

Assim, onde ir agora? Regressar a casa, aos escritórios centrais da igreja? Voltar a Jerusalém para relatar “o cumprimento da missão” e para receber felicitações por um trabalho bem feito? Terá chegado o tempo de dismantelar o maquinismo missionário da igreja e dedicar-nos a outras tarefas? Afinal, já não existem nações para evangelizar.

Muitos defendem precisamente isso, dizendo que as forças missionárias devem ser reduzidas. Afirmam que as missões são um anacronismo do passado. Uma das maiores denominações protestantes contava, há poucos anos, com 1 700 missionários, agora tem 700 e pensa ficar, em breve, só com 500. A ideia é que chegou o tempo de enveredar por uma “moratória em missões”. Acaso não têm todas as nações o evangelho?

Duvido que Jesus tivesse usado a palavra “nações” ao apresentar a Sua grande comissão aos setenta. Ele sabe que, quando ouvimos “nação”, pensamos em determinada região geográfica, como Brasil, Portugal, Peru ou Marrocos. E não é isso que Ele pretendia.

O que Jesus disse aos discípulos —e que procura dizer à Sua igreja— é que o povo vive cercado de toda a espécie de barreiras (a geografia é precisamente uma delas), e nós estamos a vencê-las levando o Evangelho de Cristo. Ele deseja que a Sua igreja se identifique com os numerosos grupos sociais dos homens. Que os penetre— que chegue até ao mais íntimo— com as Boas Novas.

Jesus não pensava simplesmente em regiões geográficas. Antes, pensava em todas as pequenas divisões, unidades e subgrupos, nos quais o mundo se encontra dividido. Deseja que as boas novas da salvação cheguem a todos.

Quando Jesus falou em ir a “todas as nações”, o mundo dos discípulos era tão pequeno que a menção de Jerusalém, Judeia e Samaria abrangia toda a sua compreensão.

Se o Mestre lhes dissesse que havia muitas nações e que dentro das suas fronteiras existiam várias estruturas nacionais mais pequenas —como estudantes, refugiados, tribos, bairros de certas nacionalidades, fazendeiros, etc.— cada qual com a sua membresia distinta e exclusiva, isso seria tão confuso que os discípulos não teriam tido coragem de abalar-se a cumprir a comissão. Por isso, ao tornar-se mais específico, o Senhor mencionou os lugares que lhes eram mais familiares.

Sabemos que o nosso mundo é muito mais complexo que o dos primeiros discípulos. Toffler diz

que a nossa sociedade está a tornar-se incrivelmente subdividida e que, em alguns anos, cada grupo agirá dentro da sua mini-órbita, independente dos outros. Cada qual será único e terá a sua identidade peculiar.

Hoje não podemos pensar em África, por exemplo, como num grande continente com povos da mesma natureza. E podemos dizer o mesmo da Somália, Marrocos, Moçambique ou Suazilândia. Cada uma dessas regiões geográficas está dividida e subdividida em grande número de outras mais pequenas —com a sua própria identidade e distinção. “São nações dentro duma nação”. O mesmo se verifica quanto à América, Europa e Extremo Oriente.

A igreja deve identificar as fronteiras que separam um grupo do outro, penetrar tais núcleos e apresentar o Evangelho em termos compreensíveis. Muitas vezes, vários grupos vivem na mesma área geográfica. Introduzir as Boas Novas ultrapassando essas barreiras é, precisamente, o que as missões estão tentando.

O cristão interessado em missões não precisa de telescópios para encontrar novas nações. Ficar, porém, desapontado por não encontrar muitas sem acção missionária.

Mas se trocar o telescópio pelo microscópio, verá que existem hoje mais nações que nunca. Estão espalhadas pelo mundo. A nossa tarefa é contribuir para que as boas novas da salvação cheguem a todas elas.

E, se “as nações” indicam algo mais que geografia, o “ide” também significa algo mais. “Ide” é mais que presença física. Significa que não temos “ido” a uma nação até penetrarmos no seu interior e proclamarmos o Evangelho do modo mais acessível aos povos que fazem parte dela.

Para onde têm ido as nações? Para parte alguma. Estão precisamente onde sempre estiveram. Somente que hoje são mais numerosas. □



CADA CRENTE—UM MISSIONÁRIO

—Armando de Sá Nogueira*

**A obra missionária é de
avultado valor.**

Jesus, ao dar a promessa do poder do Espírito, realçou a Sua preocupação com a obra missionária, dizendo: "Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra" (Actos 1:8).

Não fosse a preocupação missionária, não teríamos em campos missionários igrejas que pregassem a santidade e, conseqüentemente, não estaríamos a viver em santidade.

O Mestre, durante os curtos anos do Seu ministério terreno, deu o primeiro grito a favor de Missão Mundial—"Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um Pastor" (João 10:16).

Cada crente deve ser um missionário e pode sê-lo. Para tal, tem de possuir uma visão das tremendas necessidades espirituais do mundo. Esta visão não existirá só porque somos crentes. Virá sim, mas por uma vida espiritual em profundidade. E mesmo que tenhas um horário muito cheio e estejas a viver numa cidade movi-

mentada, podes progredir:

—Revendo a tua vida de oração.

—Consciencializando-te do grande valor da leitura bíblica.

—Atentando para uma vida cristã equilibrada.

—Certificando-te da tua força para amar a todos.

—Sendo honesto e realista com a tua espiritualidade.

Nesta ordem de ideias, cada crente deve ter um espírito missionário, mas nem qualquer crente o terá.

Precisamos de mais crentes com visão dos campos e pessoas ainda por alcançar. A nossa igreja opera em 61 países. Longe de nós cair no exclusivismo, pensando que teremos de ir a todo os recantos da terra, ou então Cristo não voltará. Não. Consola-nos, até, saber que outras missões evangélicas já estão actuando noutros países.

Mas, visão missionária é precisamente: responsabilidade missionária, espírito missionário, grande desejo que o evangelho alargue a sua benéfica influência por todo o mundo.

O historiador Gibbon escreveu em relação aos primeiros cristãos que "cada novo convertido ao cristianismo reputava como um dever sagrado propagar entre seus amigos e parentes a inestimável bênção que recebera". Sim. Para revelarmos mais adequadamente a visão mundial, temos de revelar primeiro um espírito missionário entre nossos amigos e parentes.

Quando surgiram as primeiras perseguições do governo romano, o número de cristãos era calculado em 30 mil, total este que no ano 300 D.C. havia subido a 8 milhões. E porquê? Simplesmente, porque os primeiros cristãos eram dominados por um zelo missionário onde quer que se encontrassem.

Precisamos de mais crentes com visão da tremenda necessidade de obreiros. Quando William Carey se levantou numa

reunião mensal de oração, perguntando se o mandamento de ir pregar a todas as nações havia sido dado somente aos apóstolos ou se igualmente fora dado a todos os cristãos e para todas as épocas, o homem que presidia à reunião disse-lhe: "Assenta-te mancebo! Quando aprover a Deus converter os gentios, Ele o fará sem a tua e a minha ajuda".

Errado. Tal afirmação revela falta de visão dos campos e pessoas por alcançar e da tremenda necessidade de obreiros.

Podemos ser missionários também através de nossa *contribuição financeira*. "Dai, e ser-vos-á dado; boa medida, recalcada, sacudida e trasbordando, vos deitarão no vosso regaço . . ." (Lucas 6:38).

"Dai" —constitui o imperativo da obra missionária. Com ele vem a promessa de mantimento para todo o ofertante. Tantas bênçãos que as mãos não podem abarcar.

A visão do mundo necessitado do evangelho não pode ser passiva. É activa. Implica dar. Alguns dão a própria vida além do seu dinheiro, como os 516 missionários nazarenos espalhados pelo mundo.

Não nos esqueçamos que ao darmos para as missões estamos a ser sócios de Deus, que "ama aos que dão com alegria".

Cada crente pode ser um missionário. E sê-lo-á também exercendo o seu ministério de intercessão. É outra maneira de "ir": interceder por mais obreiros e por aqueles que já estão na seara. Quem nos ensinou a fazer isso? Jesus—"Grande é, em verdade, a seara, mas os obreiros são poucos; rogai pois ao Senhor da seara que envie obreiros para a sua seara" (Lucas 10:2).

Missionários pela intercessão. Oremos pelos campos missionários e os seus obreiros. Não nos esqueçamos dos países onde não há liberdade religiosa.

Oremos para que Deus nos dê, na verdade, um espírito missionário! □

*Praia, Cabo Verde

ajuda no caminho

—Paul E. Little

Se alguém carece de amigos não cristãos e pensa, erradamente, que separação do mundo significa isolamento da sociedade em que vive, essa pessoa não terá muitos contactos.

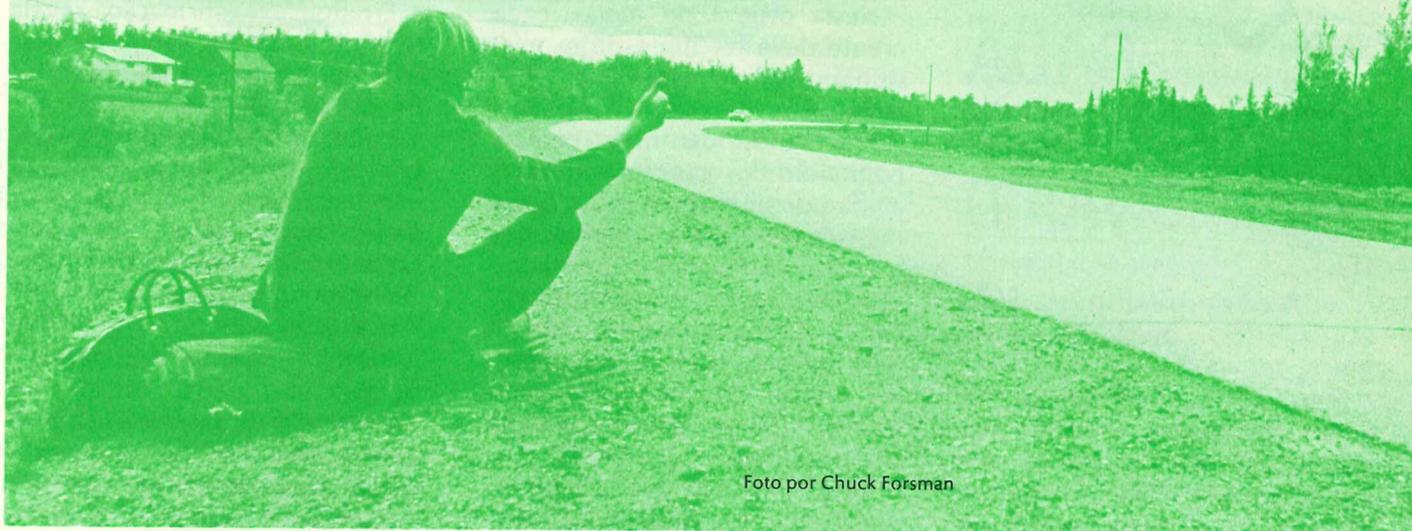


Foto por Chuck Forsman

Suponha que alguém chega ao lugar onde você trabalha e lhe diz: "Há uma bomba neste prédio; explodirá dentro de 10 minutos". Você olha para a pessoa e parece-lhe fora de si. Mas acredita nela. Essa convicção leva-o a agir. Não precisa de uma longa dissertação sobre o assunto, para a sua mente decidir que fazer.

Esta é uma boa ilustração do que a fé significa na vida cristã. O que cremos produz acção. Quando ouvimos alguém dizer: "Eu creio que dentro de 10 minutos haverá uma explosão neste quarto", existe uma única maneira de comprovar se acreditamos: ver quem lá está ao fim dos 10 minutos!

Agora, façamos a respectiva aplicação à vida cristã. Você diz: "Sim, creio que Jesus Cristo é o Salvador do mundo e que, separados d'Ele, estamos perdidos eternamente". Entretanto, nada faz. É como reagir à ameaça da bomba, dizendo: "Pergunto a mim mesmo se servirão café às 10 horas.". A verdade converte. É por isso que devemos perguntar: "E daí?"

Na universidade, a não ser que eu responda à pergunta "E daí?"—tanto como justificação para falar de um assunto, como para explicar a importância do que digo na vida das pessoas com quem falo—sei que deixam de me prestar atenção após 1 minuto e 13 segundos. O que é admirável é que a verdade pode converter e produzir resultados, algumas vezes mesmo sem isca no anzol e sem se lançar a rede.

Perguntas directas captam a atenção do indivíduo e levam à acção. Por exemplo, pergunte a um não cristão: "Já se sentiu alguma vez derrubado pelas lutas

da vida?" E ao falar com um crente acerca de conquistar a amizade de um não crente, experimente perguntar-lhe: "Tem você, pelo menos, um amigo não crente que o considere a primeira pessoa a quem recorrerá em caso de necessidade?" Isto muda as coisas do plano abstracto para o imediato. Muita gente não capta a mensagem até se focar a questão directamente. Precisam que se lhes soletre sílaba por sílaba.

Surpreende-me o número de pessoas que se preocupam com o mundo e querem ser evangelistas, mas nunca viram ligação entre o facto de Deus não as estar a usar no evangelismo e o facto de não terem um único amigo não cristão. Ficam admirados quando percebem que sem se relacionarem com pessoas que não conhecem o Salvador e sem construírem pontes de amizade que possam atravessar para compartilhar o Evangelho, não é provável que Deus os use no evangelismo.

O Senhor usará os cristãos dentro do círculo normal das suas relações—no lar, na vizinhança, no trabalho e na escola. Mas se alguém carece de amigos não cristãos e pensa, erradamente, que separação do mundo significa isolamento da sociedade em que vive, essa pessoa não terá muitos contactos.

Nalguns casos, desafiar os crentes apenas aumenta o seu nível de frustração. O que precisam é de ajuda prática em como viver a vida cristã.

Lembro-me de um verão em que fiquei em casa durante algum tempo, aproveitando para pintar a varanda da frente. Enquanto pintava, escutei as mensagens de uma campanha que se realizava na área.

Confesso que ao fim de duas semanas eu estava cheio até aos olhos, porque mensagem após mensagem tudo que se ouvia era desafio e exortação. No fim da primeira semana já me encontrava saturado. Dizia comigo mesmo: "Por que não me explicam como viver a vida cristã acerca da qual falam tanto? Em vez disso, limitam-se a desafiar-me. Estou a tentar tanto quanto me é possível; preciso que me ajudem no caminho".

Por outro lado, o ensino prático nunca põe em movimento pessoas que não possuem motivação. Um cadáver não pode viver a vida cristã ou testificar.

Como construir pontes de amizade com os não cristãos? Eis uma senhora crente que quer alcançar a sua vizinha, mas sabe que a vida da outra é 180 graus diferente da sua. Pensa: "Não posso fazer a maior parte das coisas que a vizinha faz e estou certa que ela não está interessada nas coisas que eu faço. Mesmo assim, desejo dar-lhe o meu testemunho. Quero construir uma ponte de amizade. Mas como?"

A não ser que lhe demos alguma ajuda prática quanto às coisas moralmente neutras, que há tendência em negligenciar—fazer compras, praticar desportos e tudo o mais que amigos podem realizar juntas sem compromisso moral para a crente ou censura para a outra—não estamos a ajudar a senhora cristã. Olha para a vizinha não cristã, do outro lado da rua, e pergunta a si mesma como a conhecer e ganhar.

Ouvimos muito acerca de "visão mundial". Excelente! Desejo ter uma visão do mundo. "Deus amou o mundo de tal maneira" (João 3:16). Precisamos de ver o mundo como Deus o vê. Mas como obter essa visão?

Você adquira comprando uma revista semanal e pondo-se ao par do que acontece no mundo. Lendo revistas missionárias e assinando uma, se ainda não o faz. Procurando conhecer alguns estudantes estrangeiros da sua comunidade, que estão ansiosos por ter amigos e tão abertos ao Evangelho como nunca estarão na sua própria pátria.

Também ouvimos acerca de vidas vitoriosas. Extraordinário! Como devemos, então, viver a vida cristã? Como alcançaremos, na nossa experiência, no dia a dia, a vitória em Jesus Cristo? Algumas pessoas, na sua reacção ao evangelismo à queima-roupa, afastam-se tanto para o outro extremo que precisam de se convencer que a amizade cristã não é suficiente para salvar alguém. Será necessário ouvir de Jesus Cristo.

Precisamos de construir pontes de amizade, mas também de atravessar essas pontes e comunicar o Evangelho a outros. Ninguém pode aceitar Cristo se não ouvir falar d'Ele. Quando tivermos explicado o Evangelho, perguntemos: "Gostaria de confiar em Cristo?" Ou: "Já depositou alguma vez a sua confiança em Cristo?"

Geralmente os cristãos têm de agir dentro de um certo condicionalismo. É verdade que há oportunidades únicas em que encontramos pessoas, levamo-las através dos passos da salvação e convidamo-las a Cristo. Devemos estar atentos a tais casos. Mas o modo mais natural de evangelismo é apresentar os passos da fé e obediência às pessoas a quem testificamos e ajudá-las gradualmente a avançar um pouco mais no caminho, em resposta a Deus e à verdade. □

Cristo Paralizado

—Don R. Harris

Certa ocasião em que eu lia a Palavra de Deus, meditei durante algum tempo em Efésios 5:30: "Porque somos membros do seu corpo". Embora tenha lido este versículo muitas vezes, nessa altura a sua verdade recobrou novo significado, nova luz.

"Somos"—também eu estou incluído. Sou cristão e este nome tomo-o de Cristo. Faço parte do grande corpo de crentes que é a Sua Igreja. Nesta passagem, o Espírito Santo fala por intermédio de Paulo à igreja da qual sou membro activo.

Reflecti sobre o termo "membros". Lembrei-me de que se refere às partes do corpo como o braço, a mão, as pernas, os olhos, a língua, etc. Também me lembrei de que I Coríntios 12 não só menciona a grande quantidade de membros que formam o corpo, mas ainda a função que cada qual desempenha na preservação do mesmo e no alcance de alvos e propósitos.

Depois fixei a atenção nas palavras "seu corpo". Tratam do corpo do meu Senhor e Salvador. Meditei na Sua vida terrena e no Seu corpo físico. Por toda a parte andou fazendo o bem e curando os enfermos física e espiritualmente. Fez tudo quanto pôde para salvar o mundo perdido e moribundo. As Suas energias, até mesmo os últimos suspiros, foram dedicados ao evangelismo.

Foi então que compreendi o significado deste versículo; porque somos membros do corpo de nosso Senhor, devemos continuar no cumprimento da Sua missão.

Há anos conheci um jovem que participava activamente e com entusiasmo no desporto. Sobressaía em tudo. Mas, inesperadamente, teve um acidente que o deixou paralizado da cabeça aos pés. Que tristeza vê-lo preso a uma cadeira de rodas, enquanto observava os seus companheiros a jogar! O rosto mostrava desejo de participar, mas os seus braços e pernas permaneciam imóveis e sem vida.

No entanto, ainda é muito mais trágico e doloroso ver Jesus Cristo perante a actividade humana; envia sinais de misericórdia e amor aos Seus membros (os cristãos) para evangelizarem outros, e descobre que permanecem paralizados e calados, cheios de temor e negligência.

É irónico ver hoje atado pelo mesmo mal, Aquele que há muitos anos curou doentes e paralíticos! Deus permita que nós, seus "membros em particular", correspondamos em completa obediência aos sinais divinos de acção que promanam da Cabeça da Igreja: Jesus Cristo. □

SANTIFICAÇÃO E FALTA DE CREDIBILIDADE

Parece haver dois problemas principais com que deparam os cristãos sinceros que buscam a plenitude do Espírito Santo e a pureza pela inteira santificação. O primeiro é a frustração de encontrar no fim da sua procura montes de chavões teológicos que para eles nada significam.

Triste e ironicamente, estes investigadores desapontados são, muitas vezes, nazarenos de segunda e terceira geração. Vivem certos da sua posição perante Deus, mas anseiam por uma relação mais profunda e mais estreita com Ele. Anelam pela vitória prometida pelos sermões acerca da santificação. Mas, à medida que chegam a um beco sem saída na atmosfera incompreensivelmente rarefeita da teologia, começam a sentir que a doutrina é nada mais que académica, uma paliçada no caminho para o céu e um exercício filosófico para os que na igreja se ocupam em jogar com palavras e ideias.

Assim como a realidade do Salvador vivo se perde no meio dos rituais de muitas igrejas litúrgicas, a abençoada realidade de Alguém "ao nosso lado"—o Consolador e Capacitador—está muitas vezes escondida, mesmo do investigador mais ardente, no palavreado teológico herdado de muitas gerações.

O outro problema para os cristãos que buscam a inteira santificação é que se sentem levados a esperar uma mudança tão instantânea e radical que a experiência se torna um fim em si mesmo. Antevêm ser magicamente purificados da sua humanidade, esperando ser doravante e em todos os aspectos como o Senhor, nunca mais atraídos por algo que não seja cristão.

À medida que o filho de Deus

entrega a sua vida completamente ao Senhor, o Espírito Santo é concedido para fazer a Sua vontade através dele. O Espírito de Deus testifica com o seu espírito de um enchimento com novo poder e coragem para o serviço cristão e amor por Cristo e por aqueles por Quem Ele morreu.

Mas o crente que espera chegar a um estado de perfeição absoluta, cedo descobre que Deus não destruiu quer a sua vontade quer a sua humanidade, com todas as limitações de compreensão e julgamento. Quando sente emoções e reacções que julgava para sempre mortas, ou tem de escolher entre a sua vontade e a de Deus, fica desanimado. Pode mesmo ser levado a duvidar da sua experiência.

Então, duas coisas podem acontecer: ou compreenderá que a plenitude do Espírito Santo não é um quarto fechado mas uma porta aberta, não um fim mas o começo da grande aventura de crescer e amadurecer na fé; ou viverá num nível inferior à sua teologia. Julgará o conceito de santificação como demasiado elevado para ser alcançado, e aceitará as suas falhas diárias como normais!

Estará a viver de facto, se não em teoria, a doutrina de que "pecamos diariamente por pensamentos, palavras e acções". Tor-

nar-se-á, então, evidente, a sua falta de credibilidade. Poderá tornar-se um hipócrita, ciente da diferença entre o que pretende ser e a sua experiência. E poderá conformar-se com regras minuciosas que lhe dêem um sentimento de santidade e aparência de piedade.

Graças a Deus que não é necessário haver discrepância entre a nossa teologia e a nossa experiência de inteira santificação. A nossa redenção não é um remendo moral, mas salvação até ao mais profundo do nosso ser. Devemos usar auto-disciplina ministrada pelo poder do Espírito Santo, para "operar a nossa salvação" (Fil. 2:12). Ele dará o poder e a força de vontade para manter os pensamentos cativos para obedecer a Cristo (cf. II Cor. 10:5).

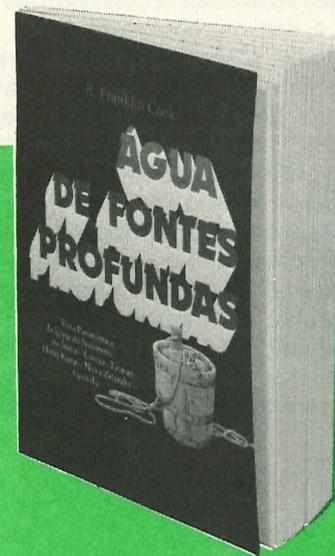
Paulo aponta não só a gloriosa possibilidade, mas também o segredo do sucesso, quando diz: "E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis, para a vinda do nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama, o qual também o fará" (I Tes. 5:23-24). □

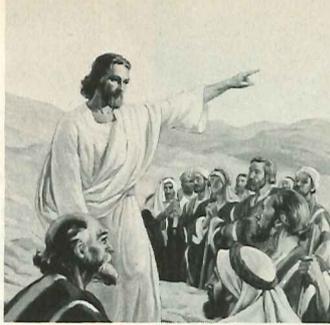
—Marilyn Chambers

Leia livros missionários

Vista panorâmica da Igreja do Nazareno na Índia—Coreia
—Taiwan—Hong Kong
—Nova Zelândia—Austrália
Preço—U.S. \$2.00

CASA NAZARENA DE
PUBLICAÇÕES





a grande comissão: a ordem

O Senhor ressuscitou. Os discípulos reúnem-se à Sua volta. São um punhado de crentes assustados, confusos, alegres e emocionados com a compreensão da sua enorme tarefa. São poucos em comparação com os do mundo a quem são enviados a evangelizar . . . Mas o mandado pode, porventura, surpreendê-los depois de terem presenciado o grande milagre da ressurreição de Jesus?

É precisamente esse mandado ou ordem, independentemente do tempo e do espaço, que é dirigido a todos quantos nasceram de novo. Deus envia-os por meio da ordem dada por Seu Filho e pela presença consoladora e bendita do Espírito Santo nos seus corações.

A ordem é inclusiva. Abrange a todos, quer se trate de pastores, leigos, ricos ou pobres. Se nascemos de novo é nosso dever levar a outros a preciosa mensagem da salvação.

A ordem é imperativa, terminante e definitiva. Não admite falsa interpretação. Opõe-se a muitas coisas que fazemos. Nós queremos que o pecador venha ouvir-nos, mas o Senhor diz: "Ide".

Na nossa maneira de actuar esquecemos duas coisas fundamentais: (1) que toda a igreja que fica encerrada entre quatro paredes, morre; (2) que a maioria das pessoas não se atrevem a entrar num templo. Como diz Strachan, é preciso "entrar pelo mar dentro", penetrar no mundo, não apenas ficar na periferia. É certo que Cristo está onde se reúnem dois ou três em Seu nome, mas também onde há milhares, nos centros das povoações, nas casas, nas ruas, nas praças e nos bairros.

Devemos ir até onde se encontram as pessoas.

O verdadeiro conceito de evangelização não consiste só em distribuir um folheto evangélico ou um convite, mas em oferecer ao homem a oportunidade de aceitar ou rejeitar Cristo. Depois de O aceitar, então doutriná-lo e trazê-lo à

comunhão com a igreja.

Vejam por que o Senhor nos ordena ir ter com os não crentes. Porque estão cegos—o deus deste mundo cegou os seus entendimentos. Porque são escravos—Satanás conserva-os presos ao pecado e, embora desejem livrar-se, não conseguem. Porque estão surdos—a tagarelice do diabo e suas hostes da maldade não os deixam ouvir com clareza os conceitos da salvação, do pecado e do juízo. Ensurdecem-se à mensagem da Bíblia. Encontram-se mortos nos seus delitos e pecados. Só fica no seu íntimo uma possibilidade de reagir à mensagem divina.

Ao contrário, o crente em Jesus Cristo tem vida, a própria vida dada pelo Senhor. Tem um novo caminho, novo rumo e um destino glorioso. Já não é escravo do pecado; foi liberto pela verdade. Tem poder, o poder que Jesus oferece quando o Espírito Santo desce ao coração para santificar.

Mas essa vida, liberdade e poder não são para "aquecer os bancos da igreja", antes para ir ao mundo perdido com a mensagem redentora do evangelho e anunciar quão grandes coisas o Senhor fez em nós.

Uma menina começou a frequentar a nossa igreja e, pouco tempo depois, converteu-se a Cristo. Depois encaminhou ao Senhor a mãe e os tios, que tinham de percorrer 36 quilómetros para assistir aos cultos. Posteriormente converteram-se outros amigos e familiares, incluindo um que estava no Canadá para o qual foi enviada uma gravação da mensagem do evangelho. Em menos de dois anos, mais de 20 pessoas se converteram a Cristo por intermédio daquela moça.

Jesus deixou-nos o exemplo. Disse aos Seus seguidores: "Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido" (Lucas 19:10). □

—Ramón Bauzá



Deseja receber O ARAUTO DA SANTIDADE?

Faça HOJE a sua assinatura! Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o

Endereço antigo

NOVO ENDEREÇO

Nome _____

Endereço _____



tempo de decisão

—Pedro David*

A Bíblia mostra-nos que mesmo os grandes homens de Deus, como Moisés e Elias, experimentaram nas suas vidas momentos de tão grande prova. Com a alma angustiada, chegaram a pedir a morte.

Moisés, a quem Deus levantou para libertar a Israel da escravidão—homem a quem o Senhor falava face a face, que recebeu das mãos do próprio Deus os mandamentos—caiu perante o Senhor trespassado de desânimo e dor.

Números 11:1-10 diz que o povo chorou à porta das tendas, murmurando contra Moisés, o que provocou a ira de Deus. Moisés amava aquele povo e sofria com os seus lamentos, mas ao mesmo tempo o seu amor e fidelidade para com Deus eram incontestáveis (Números 12:7-8).

Ele tinha chegado ao limite das forças e não podia suportar por

mais tempo aquela situação; na hora crucial decidiu encarar a situação: caiu diante de Deus revelando-Lhe a sua alma por completo (Números 13:11-15).

Durante a guerra do Pacífico o general Douglas MacArthur escreveu: "Senhor, dá-me um filho tão bravo que tenha a coragem de enfrentar-se a si mesmo quando tiver medo".

Hoje muitos, quando atravessam a linha crucial da vida, receiam enfrentar-se a si mesmos—e suicidam-se. Nem todos chegaram à hora de maior angústia e provação, mas para todos os homens o dia que vivemos é tempo de decisão. Hoje, podemos decidir buscar a Deus ou esquecê-LO.

Nos nossos dias, como desde o princípio, a grande maioria da humanidade tem posto o seu coração nos caminhos amplos e atraentes: que levam à fama, à

honra, ao prazer e ao poder.

Esta é a contínua obsessão dos homens e, por causa dela, fizeram-se, no dizer de Paulo, homicidas, adúlteros, prevaricadores e mentirosos. As consequências são trágicas—a angústia, o desespero, o sentimento de culpa e, finalmente, uma morte desoladora. Os mesmos caminhos e as mesmas ilusões continuam a atrair o homem, embora a história demonstre que eles falharam ao longo dos séculos. Podemos sentir a insatisfação crescente da humanidade nas páginas dos jornais, que nos falam constantemente de violências, revoluções e rebeliões, muitas vezes provocadas por indivíduos cheios de tudo o que o mundo pode oferecer.

A humanidade é como uma criança em busca de amparo. No meio de tanta confusão e ansiedade, Jesus está chamando: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei" (Mateus 11:28). É ainda o único caminho! A única esperança que resta à humanidade. N'Ele, as nossas dúvidas são destruídas, os nossos receios afastados e as nossas almas satisfeitas.

Para que O achemos, verdadeiramente, precisamos buscá-LO como à própria vida, prostrando-nos diante da face do Deus vivo, confiando-Lhe todo o peso que trazemos na alma, como Moisés e como Elias, o profeta do monte Horebe.

"Buscarás ao Senhor teu Deus e o acharás, quando o buscares de todo o teu coração e de toda a tua alma" (Deuteronómio 4:29). □

*Macau, Sul da China

Recorte e envie este cupão à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES. Nos E.U.A., P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141. No BRASIL, C.P. 1008, 13.100—Campinas, SP. Em CABO VERDE, C.P. 60, Mindelo, São Vicente. Em PORTUGAL, R. Castilho, 209, 5º E., Lisboa-1.

Para uma assinatura, envie a importância de US\$2.00 (ou o equivalente na moeda dos países de expressão portuguesa) para qualquer dos endereços acima indicados.

O nosso maior desafio

—W. E. McCumber

Tenho estado a pensar acerca do desafio de Deus a Abraão: “Anda na minha presença, e sê perfeito” (Génesis 17:1). Desde os tempos primitivos Deus tem chamado o Seu povo a viver em amor perfeito, e ainda hoje o faz (Mateus 5:43-48).

Viver vidas santas no nosso mundo não é fácil, mas não foi mais fácil para Abraão. De facto, o patriarca tinha “99 anos de idade” quando Deus lhe propôs este desafio. Podemos argumentar que alguém assim velho teria poucas tentações. Porém, Abraão tornou-se pai de Isaque aos cem anos. É bastante difícil ser avô nessa idade, quanto mais pai! Criar um filho sobrecarregaria seriamente a sua força e nervos. A verdade é que, em qualquer idade, sob quaisquer circunstâncias, a vida do amor perfeito é uma tremenda responsabilidade.

As palavras “na minha presença” são significativas—e confortantes. Deus não podia dizer: “Anda na presença de Sara e sê perfeito”, ou: “Anda na presença de Isaque e sê perfeito”. Só Deus conhece o coração. Assim como ninguém é um herói para o seu empregado, também ninguém é perfeito ou irrepreensível no pensar de sua esposa ou filhos. Deus chamou Jó um “homem íntegro”, mas a esposa deste perdeu a paciência e desesperou de Deus e de Jó, dizendo: “Amaldiçoá a Deus, e morre” (Jó 2:9). Todos nós somos incompetentes para servirmos de juízes do próximo. Devemos ser perfeitos “na presença de Deus”, não na presença uns dos outros. Como Paulo o expressou, fomos escolhidos por Cristo “antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis, diante dele em amor” (Efésios 1:4).

A perfeição que Deus exigiu de Abraão era um assunto do coração e não da cabeça. Dada a nossa condição caída, ninguém pode viver sem erros e faltas. O nosso conhecimento e juízo são defeituosos e, assim, somos levados a dizer e a fazer coisas que mais tarde lamentamos. Muitas vezes somos influenciados por informação incompleta. Outras, somos vítimas de informação errada. A mais pura intenção e o mais profundo amor, portanto, não podem garantir uma actuação perfeita. Há uma distinção válida entre viver sem culpa e viver sem faltas. Podemos viver sem culpa, mas não sem faltas.

Como é isso possível? O segredo está nas palavras de Deus a Abraão: “Eu sou o Deus Todo-poderoso” (Gén. 17:1), as quais servem de introdução ao desafio à vida irrepreensível. A força para uma vida santa não provém da nossa resolução e dedicação. O poder para o amor perfeito é Deus habitando em nós pelo Espírito Santo.

Uma coisa maravilhosa acerca de Seu poder é o facto de que “se aperfeiçoa na fraqueza” (II Coríntios 12:9). As imperfeições da idade avançada ou da mocidade não são barreiras para o cumprimento do desafio divino. Deus é capaz de nos suste e conferir graça capacitadora aos Seus filhos mais fracos.

É a vida santa realmente possível? Ouçamos o testemunho de Paulo: “Vós e Deus sois testemunhas de quão santa, justa e irrepreensivelmente nos houvermos para convosco, os que credes” (I Tessalonicenses 2:10). O Apóstolo ousa citar o próprio Deus como testemunha da sua vida irrepreensível! Ora Paulo era feito do mesmo barro que nós; portanto, podemos gozar da mesma vida vitoriosa. □



ministério dos leigos

—Florentino Bauzá

Começemos por definir a palavra "leigo" (do latim *laicus* e do grego *laikos*). Etimologicamente, designa a ideia "de povo", pertencente ao comum da gente, sem distinção intelectual ou de qualquer outra espécie. Mais tarde tomou outros significados. Hoje usa-se não só para indicar que alguém não tem ordens religiosas, mas também que não é perito em determinado assunto.

O cristianismo foi no princípio um movimento leigo, não instituição religiosa clerical. Jesus era leigo, pois não recebeu ordens sacras de qualquer organização, e era conhecido como homem do povo, não como sacerdote. Mas o próprio Deus O chamou e ordenou (Lucas 3:22) e desenvolveu o Seu ministério público com tal poder que despertou nos religiosos do Seu tempo certa incerteza e inquietação impossíveis de dissimular (Lucas 20:2).

Luís P. Bucafusco diz no seu livro *Leigos Activos*: "Como invades foros que não te pertencem? Quando passaste pelos ritos mágicos do sacerdócio e recebeste o fogo santo da investidura? Como ministras em nome de Deus se não és sacerdote? Quem te ordenou?"

O Novo Testamento é uma prova evidente da participação activa



dos leigos no desenvolvimento da igreja e na evangelização do mundo. Abundam nomes de pessoas como Estêvão, Filipe, Dorcas, Cornélio, Apolo, Aquila, Priscila e outros que não foram revelados (Actos 11:20).

O Dr. Bucafusco, já citado, afirma: "Os leigos devem ser activos e vigilantes dentro das suas respectivas profissões. Há necessidade de demonstrar a relação e compatibilidade da nossa tarefa diária com a fé cristã. Devemos ser testemunhas (Actos 1:8) no meio do mundo e, tanto o pastor como o artífice, o cientista, o médico, o advogado, o industrial, o agricultor, o professor e o operário sem especialização têm diante de Deus o mesmo privilégio e a mesma responsabilidade de pregar o reino de Deus na medida das suas possibilidades". Spurgeon exprimiu-se bem ao declarar: "O reino de nosso Senhor vem (e virá) não pela pregação de alguns pastores, missionários e evangelistas. Tem de chegar através de cada um de vós nas oficinas, na rua e no lar. Todos devem tratar de salvar alguns".

Perguntemos agora: Precisa o leigo de preparação especial para cumprir a sua tarefa? Sim. Como em todas as áreas da vida, tam-

bém o ministério do leigo precisa de preparação. Quem deseja servir ao Senhor deve conhecer a Bíblia a fundo, levar uma vida santa e de oração, ser perito no ensino do caminho que conduz à vida eterna, buscar a plenitude do Espírito Santo, saber que é representante da Igreja e que, como tal, tem a obrigação de forjar um futuro melhor para o mundo perdido; que é ele e não outrem que deve trabalhar para o conseguir.

O mundo agita-se num caos de pecado, de baixa moral, económica, social, política e espiritual. É a Igreja que deve transformar o mundo para oferecer às gerações vindouras algo melhor. Já passou o tempo de perguntar a quem corresponde a tarefa e chegou o momento de despertar diante das responsabilidades de cada qual. É impossível pensar que o leigo é um ser isolado; sabemos que é elemento vital do corpo de Cristo.

Ser leigo, leigo activo, agente transmissor da vida espiritual, é um ministério para aqueles que têm consciência do que significa estar nas mãos de Cristo, para que Ele faça a Sua vontade e desenvolva em cada um os dons que Ele mesmo dá para sermos fiéis ganhadores de almas. Só assim é que o leigo será fiel ao seu ministério e dará muito fruto. □



A CHAMADA

—Jerald Johnson

Os missionários devem servir em países longínquos somente quando Deus os chamar para isso.

Quem aceita esta verdade também aceita o princípio fundamental estabelecido por Jesus Cristo nos capítulos 9 e 10 de Mateus.

Jesus disse: "Rogai, pois, ao Senhor da seara, que mande ceifeiros para a sua seara" (Mateus 9:38). Tinha falado, anteriormente, da grandeza da seara e da falta de obreiros que então se verificava (e hoje acontece o mesmo).

Depois enviou os discípulos para a seara. O Senhor reservou-se o direito de fazer a decisão final quanto a quem "chamaria" para efectuar a obra. Ainda hoje possui este direito.

O facto de se estar ao par da falta de obreiros não deve, necessariamente, interpretar-se como uma "chamada" de Deus para se ser missionário no estrangeiro. Nem o facto de "orar" pelas missões qualifica o indivíduo para "ir". No fim de contas, Deus é Quem escolhe a quem enviar.

Os que são verdadeiramente chamados, sentirão pressão, insistência, obrigação, motivação e um "coração ardente".

Se encaram a responsabilidade de se preparar, planejar e dedicar a sua vida ao ministério de missão mundial, então exclamam: "Ai de mim se não vou!"

Esta é a regra que assegura o progresso e a efectividade do evangelismo mundial. Todos temos de orar, e Deus, por Sua vez, escolherá os que hão de ministrar às necessidades do mundo. É esta a "chamada dos que são chamados" para o campo missionário.

A sua atribuição é de natureza divina.

Devemos respeitar tal direcção divina, cuidadosa e reverentemente.

Qualquer outra razão é insuficiente para o programa de missão mundial. □

